



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH *CAMPUS V* –  
SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BAHIA  
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

**DÉBORA SANTANA MACENA**

**A CIDADE DE JERUSALÉM COMO EXEMPLO DE CONFLITO RELIGIOSO-  
TERRITORIAL – PERCEPÇÕES E PROPOSIÇÕES DOCENTES PARA O  
ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS/BA  
2025**

**DÉBORA SANTANA MACENA**

**A CIDADE DE JERUSALÉM COMO EXEMPLO DE CONFLITO RELIGIOSO-  
TERRITORIAL – PERCEPÇÕES E PROPOSIÇÕES DOCENTES PARA O  
ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus V* - Santo Antônio de Jesus/BA, como requisito parcial de avaliação para obtenção de grau de Licenciada em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Hanilton Ribeiro de Souza

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS/BA  
2025**

## TERMO DE APROVAÇÃO


**DÉBORA SANTANA MACENA**


### **A CIDADE DE JERUSALÉM COMO EXEMPLO DE CONFLITO RELIGIOSO- TERRITORIAL – PERCEPÇÕES E PROPOSIÇÕES DOCENTES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**


Artigo apresentado ao curso de graduação em Licenciatura em Geografia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus V*, Santo Antônio de Jesus, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Santo Antônio de Jesus/BA, 26 de novembro de 2025.

Banca:

  
**Prof. Dr. Hanilton Ribeiro de Souza – Orientador**  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus V*

  
**Prof.ª Me Patrícia Pires Queiroz Souza**  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus V*

  
**Prof.ª Dr.ª Josemare Pereira dos Santos Pinheiro**  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus V*

MACENA, Débora Santana. **A cidade de Jerusalém como exemplo de conflito religioso-territorial**: percepções e proposições docentes para o ensino de Geografia no ensino médio. Trabalho de Conclusão de Curso. 30 fls. Departamento de Ciências Humanas – Campus V. Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus, 2025.

## **A CIDADE DE JERUSALÉM COMO EXEMPLO DE CONFLITO RELIGIOSO-TERRITORIAL – percepções e proposições docentes para o ensino de Geografia no ensino médio**

### **Resumo:**

As disputas em Jerusalém reforçam sua relevância como objeto de estudo singular para compreender as relações entre território, poder e religião. A partir de uma perspectiva geográfica, esta pesquisa buscou discutir as percepções e proposições docentes sobre o conflito religioso-territorial em Jerusalém nas aulas de Geografia do ensino médio, procurando observar se os/as professores/as utilizam Jerusalém como exemplo em suas aulas, se enfrentam dificuldades diante de um tema tão complexo e quais metodologias adotam para desenvolver a temática. O estudo fundamenta-se nos referenciais teóricos de Armstrong (1996), Montefiore (2013), Raffestin (1993), Rosendahl (2002), Bauer e Gaskell (2002), adotando uma abordagem metodológica qualitativa e descritiva, apoiando-se na pesquisa bibliográfica e no grupo de discussão enquanto metodologia de recolha de dados e proposições pedagógicas. Entre as conclusões, observou-se que os/as professores/as que participaram da pesquisa consideram Jerusalém um território multifacetado e, por isso, não a incluem como exemplo de conflito religioso-territorial. Contudo, no grupo de discussão, apresentaram proposições de como abordar a temática nas aulas de Geografia, a fim de desconstruir estereótipos e favorecer a outras leituras da realidade.

**Palavras-chave:** Jerusalém; Conflito territorial-religioso; Geografia; Ensino médio.

MACENA, Débora Santana. **A cidade de Jerusalém como exemplo de conflito religioso-territorial: percepções e proposições docentes para o ensino de Geografia no ensino médio.** Trabalho de Conclusão de Curso. 30 fls. Departamento de Ciências Humanas – Campus V. Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus, 2025.

## **THE CITY OF JERUSALEM AS AN EXAMPLE OF RELIGIOUS-TERRITORIAL CONFLICT – Teacher Perceptions and Proposals for Teaching Geography in High School**

### **ABSTRAT:**

The disputes in Jerusalem reinforce its relevance as a unique object of study for understanding the relationships between territory, power, and religion. From a geographical perspective, this research sought to discuss teachers' perceptions and propositions about the religious-territorial conflict in Jerusalem within high school Geography classes, observing whether teachers use Jerusalem as an example in their classes, whether they face difficulties with such a complex topic, and what methodologies they adopt to develop the theme. The study is based on the theoretical frameworks of Armstrong (1996), Montefiore (2013), Raffestinpor (1993), Rosendahl (2002), Bauer and Gaskell (2002), adopting a qualitative and descriptive methodological approach, relying on bibliographic research and a discussion group as a methodology for data collection and pedagogical propositions. Among the conclusions, it was observed that the teachers who participated in the research consider Jerusalem a multifaceted territory and, therefore, do not include it as an example of religious-territorial conflict. However, in the discussion group, they presented proposals on how to approach the topic in Geography classes, in order to deconstruct stereotypes and favor other interpretations of reality.

**Keywords:** Jerusalem; Territorial-religious conflict; Geography teaching.

MACENA, Débora Santana. **A cidade de Jerusalém como exemplo de conflito religioso-territorial: percepções e proposições docentes para o ensino de Geografia.** Trabalho de Conclusão de Curso. 30 fls. Departamento de Ciências Humanas – Campus V. Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus, 2025.

**LA CIUDAD DE JERUSALÉN COMO EJEMPLO DE CONFLICTO RELIGIOSO-TERRITORIAL: Percepciones docentes y propuestas para la enseñanza de la geografía en la escuela secundaria**

**RESUMEN:**

Las disputas en Jerusalén refuerzan su relevancia como objeto de estudio único para comprender las relaciones entre territorio, poder y religión. Desde una perspectiva geográfica, esta investigación buscó analizar las percepciones y propuestas de los docentes de Geografía de secundaria sobre el conflicto religioso-territorial en Jerusalén, observando si utilizan Jerusalén como ejemplo en sus clases, si enfrentan dificultades con un tema tan complejo y qué metodologías adoptan para desarrollarlo. El estudio se basa en los marcos teóricos de Armstrong (1996), Montefiore (2013), Raffestinpor (1993), Rosendahl (2002) y Bauer y Gaskell (2002), adoptando un enfoque metodológico cualitativo y descriptivo, y recurriendo a la investigación bibliográfica y a grupos focales para la recolección de datos y la formulación de propuestas pedagógicas. Entre las conclusiones, se observó que los docentes participantes consideran Jerusalén un territorio multifacético y, por lo tanto, no la incluyen como ejemplo de conflicto religioso-territorial. Sin embargo, en el grupo de discusión presentaron propuestas sobre cómo abordar el tema en las clases de Geografía, con el fin de deconstruir estereotipos y favorecer otras interpretaciones de la realidad.

**Palabras clave:** Jerusalén; Conflicto territorial-religioso; Enseñanza de la geografía.

# **A CIDADE DE JERUSALÉM COMO EXEMPLO DE CONFLITO RELIGIOSO-TERRITORIAL – PERCEPÇÕES E PROPOSIÇÕES DOCENTES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO**

Débora Santana Macena

## **INTRODUÇÃO**

A cidade de Jerusalém configura-se como um dos espaços geopolíticos mais complexos e simbólicos do cenário internacional contemporâneo. Localizada no Oriente Médio, em uma região marcada por antigas civilizações e constantes disputas, Jerusalém é considerada sagrada para as três principais religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo (Montefiore, 2013, p. 684). Essa centralidade espiritual faz com que o território transcenda o aspecto físico, adquirindo valor simbólico e político que alimenta tensões ao longo da história.

O conflito em torno de Jerusalém está enraizado na disputa por soberania e pertencimento, especialmente entre israelenses e palestinos, ambos reivindicando a cidade como capital histórica e espiritual. Desde a criação do Estado de Israel, em 1948, e, sobretudo, após a Guerra dos Seis Dias em 1967, quando Israel ocupou a Jerusalém Oriental (Montefiore, 2013), a cidade se tornou um epicentro das tensões territoriais e religiosas no Oriente Médio. Assim, Jerusalém simboliza não apenas um conflito territorial, mas também a dificuldade de conciliar o sagrado e a política sobre o mesmo espaço.

Nesse contexto, Jerusalém materializa a interdependência entre território e sacralidade, evidenciando como as representações simbólicas podem

intensificar disputas geopolíticas. Compreender Jerusalém como um conflito religioso-territorial implica analisar o espaço urbano e territorial não apenas sob o prisma da ocupação física, mas também como expressão das relações de poder e das territorialidades construídas pela fé.

Para além do conflito entre israelenses e palestinos, a cidade de Jerusalém detém um território multifacetado, pois habitam uma variedade de povos com culturas, crenças e costumes diferentes, como relata Montefiore (2013):

Não há somente dois lados em Jerusalém, mas sim muitas culturas interligadas e sobrepostas, bem como crenças em camadas — um caleidoscópio multifacetado e mutante de ortodoxos árabes, muçulmanos árabes, judeus sefarditas, judeus asquenazitas, judeus ultraortodoxos de diversas cortes, judeus seculares, ortodoxos armênios, georgianos, sérvios, russos, coptas, protestantes, etíopes, latinos e assim por diante. Um só indivíduo muitas vezes tinha diversas lealdades a diferentes identidades, o equivalente humano das camadas de pedra e poeira de Jerusalém. (Montefiore, 2013, p.16)

Apesar da notoriedade dos conflitos religiosos-territoriais em Jerusalém, observa-se que ainda existem lacunas quanto a forma que a questão é abordada nas escolas. Dessa forma, essa pesquisa tem como objetivo central **discutir** as percepções e proposições docentes para o ensino de Geografia sobre o conflito religioso-territorial de Jerusalém. Especificamente, também se pretende: analisar a divisão e a dinâmica territorial de Jerusalém, a partir das disputas território-religiosas entre judeus, cristãos e muçulmanos; Refletir sobre as percepções dos/as professores/as de Geografia sobre a questão da disputa territorial-religiosa; Proporcionar visões didáticas que irão contribuir para o ensino e aprendizagem das disputas geopolíticas para os alunos do Ensino Médio, a fim de evitar leituras errôneas da realidade imposta.

Este estudo torna-se relevante na medida em que a cidade de Jerusalém possui destaque mundial e é considerada pela ONU um território internacional, mediante aos conflitos que persistem nessa região (Amstrong, 1996, p.219). Faz-se necessário compreender a origem dos acontecimentos e como trabalhar

o assunto em sala de aula, para que se formem cidadãos capazes de compreender a dinâmica da sociedade através do olhar geográfico. Jerusalém, nesse contexto, é uma cidade propícia à análise de múltiplos conceitos, entre eles poder, geopolítica, espaço, fronteira, território e territorialidade.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se da pesquisa qualitativa, apoiada na revisão de literatura, através de análises bibliográficas sobre o tema, bem como a realização de grupo de discussão com professores/as de Geografia da educação básica, a fim de refletir sobre as percepções quanto ao conflito religioso-territorial em Jerusalém, além de, também, analisar as proposições quanto ao ensino e aprendizagem desse conflito nas aulas de Geografia do Ensino Médio.

Esse trabalho está dividido em quatro seções, sendo a primeira seção um breve panorama de Jerusalém, abordando, também, o papel da religião na formação do território de Jerusalém. Na segunda seção, será discutido a realidade de viver em um território de guerra, cercado por disputas, e, também, a dinâmica de separação dos bairros na cidade velha. Terceira seção, será analisado o percurso metodológico da pesquisa. E por fim, será abordada na quarta seção as percepções e proposições docentes sobre o conflito religioso-territorial em Jerusalém nas aulas de Geografia.

## **1. JERUSALÉM: BREVE PANORAMA GEOGRÁFICO E HISTÓRICO SOBRE UMA CIDADE DIVIDIDA PELA RELIGIÃO**

Jerusalém já foi destruída, invadida, atacada, capturada e recapturada inúmeras vezes (Bíblia, 2009). Trata-se de um território marcado por histórias e memórias de guerra. Atualmente, os conflitos ainda persistem, manifestando-se através de tensões internas na própria população, devido a divisão dos locais

que detém vínculo sagrado compartilhado, bem como na reivindicação da Jerusalém oriental como capital do futuro Estado Palestino (Montefiore, 2013, p. 696).

Ao analisar os aspectos geográficos de Jerusalém, percebe-se que esse território não possui recursos naturais, como: petróleo, gás, minérios ou extensas áreas férteis para cultivo, pois os locais que detém esses recursos despertam o desejo de povos interessados em gerar riquezas ou poder. Mas em Jerusalém, os povos que a disputam não estão alicerçados apenas em interesses geográficos, apesar da boa localização estratégica de Jerusalém<sup>1</sup>, mas em sua simbologia histórica e religiosa.

Precisamos também responder à pergunta: de todos os lugares do mundo, por que Jerusalém? Era um local remoto, afastado das rotas de comércio da costa do Mediterrâneo; carecia de água; era um forno sob o sol do verão, gelado nos ventos de inverno, e suas pedras denteadas eram incômodas e inóspitas. (Montefiore, 2013, p.13)

Mas, mesmo com tantos empecilhos geográficos para esse território ser alvo de disputa, ao longo da história, a cidade se tornou importante para três povos de forma constante. Pois, “Interessava-lhes não a geografia física, e sim o lugar da cidade em seu mapa espiritual” (Amstrong, 1996, p.16).

As religiões monoteístas que habitam Jerusalém possuem motivos compartilhados e individuais em sua história que as levam a considerar Jerusalém como uma cidade Santa. Para os judeus, Jerusalém é a cidade fundada pelo rei Davi, local onde foi construído o templo para guardar a Arca da Aliança, onde estariam as tábuas dos Dez Mandamentos. Os Cristãos têm uma profunda ligação com Jerusalém, pois, foi o local onde Jesus foi crucificado, morto, sepultado e ressuscitou. Para os muçulmanos, foi o lugar onde o profeta Maomé ascendeu aos sete céus.

---

<sup>1</sup> “[...] oferecia vantagens estratégicas. Bem fortificada, mais central que Hebron e situada no alto da região montanhosa, estava protegida de ataques inesperados dos filisteus, das tribos do Sinai e do Negueb ou dos amonitas e moabitas instalados na margem oriental do rio Jordão” (Amstrong, 1996, p.31).

## **1.1 Entre Muros, Crenças e Memórias: Territorialidade Religiosa em Jerusalém**

Entre muros erguidos ao longo da história e fronteiras redesenhadas, Jerusalém externa as marcas das crenças e das memórias que a torna um símbolo espiritual para várias religiões. Os conflitos religiosos-territoriais entre judeus, cristãos e muçulmanos torna este espaço, o retrato de múltiplas territorialidades que coexistem e se confrontam a todo momento.

Sendo assim, na busca por atribuir reflexões críticas sobre a cidade de Jerusalém, torna-se essencial abordar o conceito de "Geografia do espaço sagrado". Nesse contexto, Rosendahl (2002), em seu livro Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica, discute a relação entre a cidade e a religião, explorando como o sagrado se manifesta no ambiente urbano.

Na formação das cidades a religião desempenhou um papel central, pois muitos centros urbanos se desenvolveram no entorno de locais sagrados, como igrejas e santuários. As cidades foram sendo estruturadas explorando o sentimento do sagrado, diretamente associado à vida em coletividade (Rosendahl, 2002).

A crença no instrumento simbólico para a comunidade religiosa se materializou em Jerusalém como espaço sagrado. Não se importando com os resultados gerados para ganho pessoal, mas o significado de pertencer a algo maior e eterno “mostrando o sagrado como elemento de caracterização e diferenciação de lugares, atribuindo um significado que os desvincula da esfera econômica, levando-os para a esfera do simbólico” (Rosendahl, 2002, p.11-12).

A cidade de Jerusalém caracteriza-se por uma intensa relação entre o espaço e a sacralidade, tendo muitos locais simbólicos. Sendo que tais espaços são relacionados e compartilhados por três tradições religiosas - Judaísmo,

Cristianismo e Islamismo (Montefiore, 2013). O que reforça o caráter plural e, ao mesmo tempo, conflitante da cidade, pois existem outras cidades-santuários<sup>2</sup> que detêm seu simbolismo atrelado a apenas uma religião e, sendo assim, não é um território disputado e pode ser frequentado e vivenciado em paz por todos os que partilham daquela fé sem a tensão da disputa territorial.

Mas, em Jerusalém, com a presença de três religiões monoteístas predominantes que se assemelham em suas histórias, ocorre o fato de que os locais sagrados possuem simbologias para as três, pois suas narrativas se cruzam, ainda que cada religião desenvolva uma percepção particular sobre o mesmo espaço.

Os locais importantes como o monte do Templo, a Cidadela, a Cidade de Davi, o monte Sião e a Igreja do Santo Sepulcro não apresentam camadas distintas de história; são mais como palimpsestos, trabalhos de bordados nos quais os fios de seda estão tão entretecidos que é impossível separá-los. (Montefiore, 2013, p.17)

Como Montefiore (2013, p.13) afirma sobre Jerusalém “[...] a santidade ia se tornando mais e mais intensa por ter sido santa por tanto tempo. Santidade requer não só fé e espiritualidade, mas também legitimidade e tradição.” Ou seja, o que mantém Jerusalém cercada de tanta atenção, interna e, talvez, principalmente, do mundo externo, é a tradição mantida ao longo dos anos. A prática da fé pelos moradores de Jerusalém, e pelos fiéis que meditam na Torá, na Bíblia e no Alcorão em todo o mundo. Esses livros sagrados que trazem uma Jerusalém celestial, tornando-a uma cidade, mais do que um espaço físico, elevando-a, a território espiritual.

As pessoas criaram uma geografia sagrada que nada tem a ver com o mapa científico do mundo, mas que se refere a sua vida interior. Cidades terrenas, bosques e montanhas passaram a simbolizar essa espiritualidade tão onipresente que parece atender a uma profunda necessidade humana, independentemente de nossas crenças em relação a “Deus” ou ao sobrenatural. Por vários motivos Jerusalém

---

<sup>2</sup> “cidades-santuário, são centros de convergência de peregrinos que com suas práticas e crenças, materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço” (Rosendahl, 2002, pg. 46).

tornou-se fundamental na geografia sagrada dos judeus, dos cristãos e dos muçulmanos, que por isso mesmo têm dificuldade em vê-la objetivamente, pois ela se tornou inseparável da concepção de si mesmos e da realidade suprema — “Deus” ou o sagrado — que confere significado e valor a nossa vida na terra. (Armstrong, 1996, p.7)

Por fim, é notória a percepção da influência da religião sobre a cidade de Jerusalém, alterando até as concepções geográficas sobre esse espaço. Atribuindo a compreensão do “lugar” a uma espiritualidade transcendente. Associando aquele território ao sagrado, ao intangível, lugar de milagres, que gera, infelizmente, disputas religiosas-territoriais.

## **2. OS CONFLITOS TERRITORIAIS E RELIGIOSOS EM JERUSALÉM**

No cenário geopolítico do Oriente Médio, Jerusalém representa um dos principais focos de tensões territoriais envolvendo essa região. Sendo reivindicada como capital tanto por Israel quanto, em parte, pela Palestina (BBC News, 2017). Tal disputa ultrapassa o campo territorial, assumindo dimensões identitárias, culturais e simbólicas que reforçam sua relevância e a torna objeto de estudo singular para a compreensão das relações entre território, poder e religião.

Sendo Jerusalém um lugar multifacetado de significados para muitos povos. A moradia, a circulação e a convivência nos mesmos espaços sagrados ao longo dos anos ocasionaram em alguns conflitos e se tornou necessário elaborar uma estratégia para intermediar um *modus* de convívio. Parte dessa resolução envolve a divisão da cidade velha em 4 bairros - o Bairro Judeu, o Bairro Cristão, o Bairro Armênio e o Bairro Muçulmano.

Os ingleses tiveram um papel central na organização e distribuição do território de Jerusalém. Criaram um subdistrito que incluía os novos bairros judaicos e árabes no entorno da cidade velha (Amstrong, 1996, p.217). A

dissolução da distribuição ou da deliberação do território a cada povo é até hoje uma questão complexa de solucionar. Não se chegou a uma resolução que contemplasse a todos.

Com a realização do 16º congresso sionista, em 1929, houve um aumento dos conflitos em Jerusalém e foi necessário intervir na situação. Uma comissão foi formada e criaram o Plano Peel, que “recomendou em 1937 a partilha da Palestina” (Amstrong, 1996, p.218), mas “[...] os sionistas acataram o Plano Peel, porém apresentaram seu próprio esquema de partilha, envolvendo a divisão de Jerusalém: os judeus se apropriariam dos novos bairros no setor ocidental, enquanto a Cidade Velha e a parte oriental continuariam sendo administradas pelos ingleses” (Amstrong, 1996, p. 218).

Com a execução desse plano, uma nova dinâmica foi estabelecida. Há um período de convergência e novos movimentos e estratégias políticas se formam nas novas configurações, pois os novos limites impostos são uma forma de manter/gerenciar a dinâmica populacional, segundo o autor Raffestin (1993)

Não, os limites não são nem inocentes, nem naturais, muito menos arbitrários. Ainda não nos persuadimos o bastante disso. Eles fazem parte do nosso jogo de reprodução social: produção, troca, consumo. A reprodução social não sendo, enfim, nada mais do que a territorialidade, pois os limites são vividos, consumidos. [...] É exatamente porque são vividos que os limites participam da territorialidade. (Raffestin, 1993, p.170)

Ao propor essa divisão dos bairros, todos os envolvidos tinham interesses, e a reprodução dessa ação no espaço constitui um ato político. A territorialidade que cada povo exerce no espaço que habita interfere na rede de fluxos que permeia o lugar. Os limites territoriais não serão como uma linha real, mas um limite estendido. Existe uma transição de poder no limite, as fronteiras são locais de extensas tramas políticas (Raffestin, 1993).

O limite é, portanto, uma classe geral, um conjunto cuja fronteira é um subconjunto. Ainda aí é particularmente estranho que só a fronteira tenha uma conotação política enquanto, de fato, todo limite possui uma, nem que seja só pelo fato de ele ser sempre a expressão de uma manifestação coletiva, direta ou indireta. (Raffestin, 1993, p.166)

Ou seja, os limites são criados pela coletividade para determinar domínio entre povos e são nos limites onde se expressa mais tensão, pois é o local transicional de dois poderes, e é da natureza do poder expandir. As fronteiras são os locais pelo qual cada poder quer expandir seu domínio territorial.

Em Jerusalém para além da demarcação territorial que configura o limite de cada bairro, existe o significado religioso dos locais. A divisão se faz mais complexa, pois trata-se de povos que detém o mesmo local como sagrado. Sendo assim, como decidir o limite, se em todos os bairros há lugares com significados importantes para a fé de cada uma das religiões majoritárias no referido espaço urbano.

No bairro Judeu, os locais mais sagrados são a Sinagoga Hurva e o Muro das Lamentações. No Bairro Cristão, os locais mais importantes são a Igreja do Santo Sepulcro, considerada o local da crucificação, do sepultamento e da ressurreição de Jesus e a Via Dolorosa, o caminho que Jesus teria percorrido carregando a cruz.

No Bairro Muçumano, está localizada o Complexo da Mesquita de Al-Aqsa e o Domo da Rocha. O Complexo de Al-Aqsa é o terceiro lugar mais sagrado para o Islã e o Domo da Rocha, de acordo com a tradição islâmica, é o lugar onde Maomé ascendeu aos sete céus. No Bairro Armênio, os locais sagrados para sua fé são o Mosteiro de São Tiago e a Catedral de São Tiago. São os principais locais que abrigam símbolos sagrados para os armênios.

## **2.1 Olhar interno dos conflitos: retorno ao passado**

A cidade de Jerusalém se caracteriza como um mosaico de significados em que o solo é disputado não apenas pela força política, mas também pela força do sagrado. Cada grupo religioso busca inscrever sua história nas pedras,

frestas e detalhes da cidade, perpetuando símbolos que reforçam sua relação com o espaço.

Deste modo, a configuração dos bairros de Jerusalém se constituiu, ao longo dos anos, tentando conciliar a distribuição dos locais sagrados entre os povos, mediante acordos e decisões dos líderes vigentes. Durante esse período houve muitos conflitos. Armstrong (1996), em seu livro, detalha os acontecimentos na população após cada novo acordo assinado pelos seus líderes.

Após o plano Peel<sup>3</sup>, "...muçulmanos, não podiam mais realizar suas dhikrs ruidosas e tampouco atravessar a área com seus animais durante o culto judaico" (Armstrong, 1996, p.217). Em 1939, devido a muitos conflitos, os árabes rejeitaram o Plano Peel. O ministro do Exterior Ernest Bevin passou o poder para a Organização das Nações Unidas (Armstrong, 1996, p.219), que elaborou uma nova partilha do território, nesse novo acordo "O Estado judaico englobaria a Galileia oriental, o Vale do Alto Jordão, o Negueb e a planície costeira, enquanto o Estado árabe compreenderia o resto do país. O corpus separatum de Jerusalém e Belém ficaria sob controle internacional" (Armstrong, 1996, p.219).

Aprovada a resolução da ONU, a violência voltou a reinar na Palestina. Em 2 de dezembro, uma multidão de árabes cruzou a Porta de Jafa e saqueou o centro comercial judaico na rua Ben Yehuda. O Irgun revidou, atacando os bairros árabes de Katamon e Xeique Jarrah. Em março de 1948, antes mesmo de o mandato britânico expirar oficialmente, os combates ao redor de Jerusalém haviam custado a vida de setenta judeus e 230 árabes. (Armstrong, 1996, p.219)

Após cada novo acordo assinado, os envolvidos tinham dificuldade de aceitar os limites impostos, pois se sentiam prejudicados, principalmente por se tratar de um território atrelado a religião, não era só uma porção de terra, era o lugar que os habitantes detinham uma profunda ligação. Entretanto, em 1950 a

---

<sup>3</sup> "A Comissão Peel recomendou em 1937 a partilha da Palestina: a Galileia e a planície costeira formariam um Estado judeu, e os árabes ficariam com o território restante, inclusive o Negueb" (Armstrong, 1996, p.218).

ONU, decidiu não intervir mais na questão de Jerusalém, apesar de considerá-la como território internacional (Amstrong, 1996, p.219-220).

Após anos de pressão, os cristãos árabes de Israel conseguiram autorização para visitar o Santo Sepulcro e a basílica da Natividade no Natal e na Páscoa — não devendo ultrapassar, contudo, um limite de 48 horas. Cada um dos lados acusava o outro de violar lugares sagrados: os israelenses diziam que os jordanianos estavam profanando o cemitério judeu do monte das Oliveiras e destruindo as sinagogas do bairro judaico, que agora abrigava refugiados palestinos; os árabes alegavam que os israelenses estavam devastando seu histórico cemitério de Mamilla, onde se encontravam os túmulos de muitos eruditos, místicos e guerreiros famosos. (Amstrong, 1996, p.221-222)

Em suma, essa citação revela como é para a população viver em um território cercado por disputas, como é a dinâmica do dia-a-dia com a separação dos bairros. Sendo que em toda a cidade velha há lugares sagrados compartilhados em importância para povos e religiões distintas.

## **2.2 Os conflitos contemporâneos na cidade de Jerusalém**

Tendo em vista o histórico de Jerusalém, os conflitos atuais estavam na iminência de eclodir. Com limites tão próximos e sem ter chegado a uma resolução que contemplasse a todos os envolvidos, era apenas uma questão de tempo para que alguma ação desencadeasse em um novo conflito, como ocorreu em 2021, com as tentativas de despejo de famílias palestinas no bairro de Sheikh Jarrah, e a violência da polícia israelense contra muçulmanos durante o Ramadã (Lesme, 2021).

A disputa entre Israel e a Palestina é um exemplo clássico de conflito territorial, “Israel que já controlava Jerusalém Ocidental, ocupou Jerusalém Oriental na guerra de 1967, e, mais tarde, declarou a cidade inteira como sua capital permanente” (BBC News, 2025). No entanto, os palestinos reivindicam esse território como a capital de um futuro estado Palestino.

A dinâmica desse território é marcada por constantes tensões que buscam impor autoridade sobre o espaço, pois a Jerusalém Oriental é

majoritariamente habitada por árabes palestinos, então, Israel, por meio do seu poder militar, busca afirmar a sua soberania e domínio sobre o local. Essa situação tem gerado recorrentes confrontos entre judeus e árabes, intensificando inimizades históricas. Além das divergências religiosas, há o sentimento de invasão e perda territorial do lugar que já consideram seu, para cada lado do conflito. Para Israel, pelo sentimento de soberania sob o território e pela afirmação que Jerusalém é sua “capital eterna e indivisível” (Amstrong, 1996, p.240), ou seja, para os palestinos que já consideraram a Jerusalém Oriental sua casa, por ali já ter feito raízes.

Ao longo da história diversas propostas de paz foram apresentadas, a maioria não obteve êxito, apenas os acordos de Oslo, nos anos 1993, foram assinados, mas também fracassaram (BBC News, 2025), pois, na prática, os interesses dos envolvidos não foram contemplados. Portanto, a solução ideal para a deliberação desse confronto precisaria equilibrar as reivindicações fundamentais para cada lado da disputa.

Israelenses teriam de aceitar a criação de um Estado soberano para os palestinos, o fim do bloqueio à Faixa de Gaza e o término das restrições à circulação de pessoas e mercadorias nas três áreas que formariam o Estado palestino: Cisjordânia, Jerusalém Oriental e Faixa de Gaza. Grupos palestinos precisariam renunciar à violência e reconhecer o Estado de Israel. Além disso, teriam de chegar a acordos razoáveis sobre fronteiras, assentamentos e o retorno de refugiados. (BBC News, 2017)

De qualquer forma, essa situação atravessa gerações e continua a atrair a atenção de todo o mundo, pois não se trata apenas de uma disputa territorial, envolve religião, identidade e segurança, tornando qualquer tentativa de solucionar a questão um desafio quase insolúvel.

### **3. TRILHA DO CALVÁRIO – percursos metodológicos.**

Tendo como objetivo principal discutir as percepções e proposições para o ensino de Geografia a respeito do conflito religioso-territorial de Jerusalém no ensino médio, buscou-se estudos sobre os conceitos envolvidos, a fim de descrever os fenômenos e compreender a problemática do conteúdo. A pesquisa de cunho qualitativo, fora desenvolvida por meio da metodologia da análise bibliográfica, descritiva-reflexiva e propositiva, tendo como dispositivo de coleta de dados, o grupo de discussão, fundamentado nas discussões de Bauer e Gaskell (2002).

A seleção do material bibliográfico relacionado ao tema do projeto fora realizada de acordo com os objetivos específicos da pesquisa e a estrutura do trabalho. Após o levantamento, a leitura e a análise dos materiais, realizou-se a seleção das referências para compor a escrita e o desenvolvimento das discussões propostas na justificativa do projeto. As referências foram previamente organizadas em categorias principais – conceitos geográficos, além de estudos sobre Jerusalém, a fim de compreender esse território, bem como o que ocasionou os conflitos religiosos-territoriais na cidade; e, por fim, literaturas sobre a metodologia da pesquisa e estratégias de ensino do tema proposto.

### **3.1 Coleta de dados**

Para os resultados da pesquisa utilizou-se o procedimento de coleta: grupo de discussão, baseado na pesquisa qualitativa que é, "essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista". (Farr, 1982, *apud* Bauer; Gaskell, 2002, p.64-65).

As entrevistas coletivas foram realizadas com professores/as da educação básica de Geografia, a fim de refletir sobre as percepções quanto ao conflito religioso-territorial em Jerusalém, além de, também, analisar as

proposições quanto ao ensino e aprendizagem desse conflito nas aulas de Geografia da educação básica.

Participaram da pesquisa 06 (seis) professores/as que colaboraram, de forma livre, esclarecida e consensual, garantindo o anonimato dos colaboradores/as, através de codinomes. O encontro foi realizado em reunião on-line, gravado em áudio e vídeo (com autorização dos participantes) e, posteriormente, transcrito para análise.

As discussões foram conduzidas a partir de um roteiro de perguntas norteadoras, elaborado de modo a favorecer a reflexão sobre três blocos principais:

1. Compreensões e percepções sobre o conflito em Jerusalém;
2. Práticas pedagógicas e metodologias de ensino;
3. Proposições e reflexões sobre como abordar os conflitos religiosos-territoriais em Jerusalém nas aulas de Geografia da educação básica.

O roteiro de perguntas teve caráter flexível, permitindo que os participantes dialogassem livremente, sem necessidade de responder a todas as questões. A interação entre os/as professores/as foi valorizada como parte essencial da construção coletiva das ideias sobre o tema. A percepção inicial dos/as colaboradores/as fora de não possuir conhecimentos específicos sobre o tema, a não ser as informações expostas através da mídia. Assim, para favorecer a discussão sobre as metodologias, após as narrativas iniciais, trabalhamos dois vídeos e uma reportagem, para servir de subsídio para os participantes do grupo de discussão sobre possíveis estratégias para o ensino de Geografia.

Após a realização do encontro, as narrativas foram transcritas, organizadas e analisadas, a partir da análise temática de conteúdo, buscando identificar ideias recorrentes, percepções, desafios e propostas na fala dos/as

docentes. Os/as participantes foram identificados com letras (Professor(a) A, B, C, D, E, F), a fim de preservar o anonimato.

Embora o grupo tenha sido composto por seis participantes, nem todas as narrativas foram selecionadas para compor este trabalho. Os trechos escolhidos representam os dados mais significativos em relação ao problema investigado. Segundo Bauer e Gaskell (2002, p.85), a análise de grupos de discussão deve privilegiar as falas mais relevantes para os objetivos da pesquisa, fazendo uma seleção detalhada e temática das narrativas.

A abordagem das narrativas fora escolhida com o intuito de analisar até que ponto a temática era compreendida pelos/as professores/as e perpassada para os alunos. Quais eram os métodos utilizados para ensinar de forma completa um conflito tão complexo, se era possível, na prática da realidade escolar, destrinchar e refletir sobre um assunto, como o proposto, e se os alunos eram receptíveis ao conteúdo, e se este era importante para a formação discente e para outras leituras da realidade.

#### **4. PERCEPÇÕES E PROPOSIÇÕES DOCENTES PARA A DISCUSSÃO DOS CONFLITOS RELIGIOSOS-TERRITORIAIS EM JERUSALÉM NAS AULAS DE GEOGRAFIA.**

A exposição dos dados obtidos por meio das narrativas docentes fora agrupada em blocos temáticos que expressam as dimensões centrais de como o tema da pesquisa é visto ou pode ser trabalhado em sala de aula. Os resultados são discutidos e analisados, mediante o referencial teórico do trabalho, permitindo compreender as interligações entre a teoria e a realidade do tema em estudo.

A começar pela compreensão dos/as professores/as acerca do tema proposto, iniciamos com as percepções que os/as participantes colaboradores/as têm sobre os conflitos religiosos-territoriais em Jerusalém.

[...] E se parar para analisar, gente, na real mesmo, a questão religiosa aí ela é a de menos. É uma questão mais geopolítica mesmo. Sim, muito complexa. Só que, infelizmente, as pessoas estimulam mais o olhar religioso. Às vezes, é só sobre uma questão geopolítica mesmo, que nem todo mundo sabe. Na verdade, as pessoas não sabem o que é geopolítica. Tem muita gente que não sabe o que é geopolítica [...] (Professor A, 2025).

Para além da análise comum que pressupõe que a fé é a principal causa dos conflitos territoriais em Jerusalém, as abordagens dos/as professores/as participantes da pesquisa seguiram uma linha de raciocínio voltada para a geopolítica como fonte para compreender o conflito, tendo em vista que Jerusalém é um território envolto em dinâmicas geopolíticas, cuja análise e explicação estão fundamentadas na ciência geográfica. Nesse sentido, é possível observar que, atualmente, os principais pontos de tensão geopolítica na cidade envolvem: o controle estratégico do território; centralidade na definição de fronteiras; consolidação de poder político e diplomático; relevância geopolítica para a segurança; geopolítica dos assentamentos e a influência e o valor geoestratégico nas negociações internacionais.

Sendo assim, não é apenas um conflito baseado na fé, mas em interesses particulares de cada povo. Mas mesmo tendo essa opinião pessoal declararam que é difícil ensinar assuntos ligados a religião na sala de aula.

[...] Religião é um assunto muito complicado, muito difícil de se tratar. Então, assim, pra gente se preparar pra falar sobre religião é muito complicado [...] (Professora C, 2025).

[...] Acho que o principal desafio do professor, principalmente se for um professor que tenha uma fé cristã, é esse: é saber fazer essa separação, para não confundir e não deixar sua visão meio que distorcer os assuntos [...] (Professor A, 2025).

[...] Religião é um assunto que nem todo mundo gosta de discutir, e principalmente quando você tem uma sala com um leque de

possibilidades de religiões. E quando a gente fala de uma religião específica ou de duas, enfim, três [...] (Professora C, 2025).

Para além das dificuldades em desenvolver uma postura neutra em assuntos que envolvem religião, ou em narrativas duplas, é necessário criar uma certa imparcialidade nas abordagens dos conteúdos. No que se trata de práticas pedagógicas e metodologias de ensino os/as participantes apresentaram narrativas baseadas em suas experiências particulares no ambiente escolar ou no planejamento de aula.

[...] Eu acho que a única neutralidade que a gente consegue obter aí, se pensar de forma efetiva, é se apoiar na BNCC, tendo ela como principal dispositivo; ou seja, habilidades são trabalhadas, competências, são trabalhadas. E o dispositivo da BNCC, acredito eu, pelo que eu trabalho no dia-a-dia, ele é bastante imparcial [...] (Professor A, 2025).

[...] Eu trago mais para a visão metodológica. Quais metodologias devemos usar? [...] E, também, em uma era tecnológica que a gente está vivendo atualmente, muitas informações vêm distorcidas, então, quando você vai para o ensino médio, trabalhando essa situação, colocando uma visão, mostrando os dois lados da história [...] (Professora D, 2025).

[...] E, quando falo a respeito da parcialidade, imparcialidade, é interessante pensar que: temas complexos surgem o tempo inteiro, assim como esse, outros mais próximos, como questões políticas de direita, de esquerda e tudo mais. Em meio a tudo isso, o professor em sala de aula tem um papel que não é tomar partido da situação, contribuindo com a criticidade, mas, assim, sem polarizar. E acredito que a missão do professor seja realmente importante nesse sentido. Em meio a todas essas complexidades, é poder contribuir de alguma forma com conhecimento [...] (Professor B, 2025).

São narrativas que demonstram o papel e compromisso do(a) professor(a) em construir uma postura imparcial, a fim, de manter uma neutralidade na apresentação do conteúdo, permitindo que o/a discente, de forma particular, construa sua visão crítica a respeito do assunto, sem influências diretas acerca de um ou do outro lado da história.

No entanto, a BNCC foi mencionada como exemplo de dispositivo pedagógico para a construção neutra e imparcial da postura docente. Porém, é importante mencionar a limitação desse instrumento, sendo um meio de engessamento docente, pois possui uma limitação de metodologias de ensino,

além de descartar a subjetividade de culturas locais e realidades socioeconômicas, colocando todos os alunos dentro do mesmo molde, sem refletir que são indivíduos distintos que necessitam de abordagens desenvolvidas para sua realidade, ou seja, é um documento controverso para o magistério/educação, e que não condiz com a realidade das salas de aulas e do desenvolvimento estratégico da aprendizagem dos discentes.

Uma outra questão que surgiu foi sobre as fontes utilizadas pelas escolas e pelos/as professores/as para elaborar e conduzir o conteúdo da aula.

[...] Um ponto que eu queria contribuir aqui é a necessidade de material de apoio para que tenha essas notícias. Mas em relação das fontes confiáveis [...] que de fato é necessário que a gente tenha esse partido né de procurar de fato as informações que são corretas, as fontes que a gente pode estar consultando e realmente as informações, normalmente vêm de um lado, às vezes favorecem um lado, às vezes o outro lado, mas enfim o papel ali do professor em sala de aula também é ouvir, né, porque muitas das vezes eles têm alguns pontos de vista [...] (Professora E, 2025).

Observa-se que a professora E destaca que, em um contexto marcado por múltiplas narrativas, fanatismos, disseminação de *fake news* e notícias sensacionalistas, torna-se essencial que o professor verifique a veracidade das informações que embasam o planejamento das aulas. É fundamental buscar fontes confiáveis, que apresentem os fatos históricos de forma objetiva, sem opiniões pessoais, pois cabe ao aluno desenvolver seu próprio senso crítico.

Nas últimas interações entre os/as professores/as no grupo de discussão, o foco caminhou para a prática docente e o planejamento do conteúdo programático. Foi questionado se, ao abordar conceitos geográficos, como território, conflitos territoriais, territorialidade, fronteiras, limites e poder, Jerusalém foi citada como exemplo da aplicação desses conceitos. Caso não tenha sido, buscou-se discutir quais seriam as proposições e reflexões sobre como abordar, nas aulas de Geografia, os conflitos religiosos e territoriais em Jerusalém.

[...] Na verdade, eu já trabalhei, sim, com o território, territorialidade, com esses conceitos, mas mais levado para a parte conceitual mesmo. [...]. E teve uma aula que a gente trabalhou sobre geopolítica, a gente trabalhou sobre esses assuntos políticos. E. não, eu não fiz essa relação [...] (Professora E, 2025).

[...] eu sempre faço não somente essa (Jerusalém), mas eu faço dessa, a dos Estados Unidos. Falo também da questão de Rússia e Ucrânia. Então, dependendo do contexto, eu sempre uso variadamente essas situações que estão acontecendo aí. E eu gosto de usar bem as atuais, puxando a histórica, que às vezes é o que está sendo trabalhado no livro e trazendo para as atuais, porque muitos desses conflitos que estão acontecendo hoje não começaram hoje. A gente sabe que não é de hoje. Então eu faço esse diálogo [...] (Professor A, 2025).

Apenas um professor relatou utilizar Jerusalém como exemplo de conflito religioso-territorial em suas aulas de Geografia. Quando questionados/as sobre os motivos para essa escolha ser pouco recorrente, os/as demais docentes apontaram a complexidade da abordagem. Segundo eles/as, seria necessário retomar a origem histórica do conflito, que remonta há muitos séculos, para que os alunos compreendessem a dinâmica territorial e os povos que habitam a região, antes mesmo de tratar dos conflitos contemporâneos que se perpetuam ao longo das gerações.

Como essa contextualização exigiria várias aulas, a maioria opta por outros exemplos, considerando as limitações da realidade escolar, especialmente na rede pública, em que não há tempo hábil para dedicar tantas aulas a um único conteúdo, sob o risco de comprometer o desenvolvimento dos demais temas previstos no plano de curso.

Dessa forma, Jerusalém acaba sendo considerada um exemplo avançado para o ensino fundamental e médio, ainda que represente de maneira relevante a compreensão desta problemática geográfica. Contudo, apesar do empecilho citado, os/as docentes fizeram proposições e reflexões sobre como abordariam os conflitos religiosos-territoriais em Jerusalém em suas aulas de Geografia.

[...] Eu utilizaria a sala de aula invertida. Eu colocaria para eles pesquisarem sobre a temática. Dentro dessa pesquisa, eles iriam selecionar as questões que mais chamassem a atenção, para que, dentro da sala de aula, em uma roda de conversa, venham discutir as

questões que eles tiveram mais dúvida. Por exemplo, onde está localizada? Por quais razões existe esse conflito? Quais os pontos de vista deles? Sobre esse conflito, o que eles acham enquanto vê essa percepção enquanto alunos? Quais os pontos de vista deles? Dentro desse ponto de vista, dentro dessas questões que os alunos vão anotar e levar para a sala, vamos debater em sala. [...] na roda de conversa, até algumas perguntas sejam respondidas pelos próprios colegas de sala. E, além disso, vai abrir um leque de possibilidades. Por que não vai ficar apenas em uma visão, enquanto professor. Vai ter uma visão de vista também dos alunos. [...] se conseguiram responder ou não as perguntas que eles trouxeram para a aula e se a visão dele antes de trabalhar o tema é a mesma depois de ter trabalhado a temática. Qual a visão, como ele aprendeu aquilo, como ele chegou a tal conclusão sobre esse conflito e quais possíveis soluções ele poderia estar trazendo para esse conflito [...] (Professora D, 2025).

Essa primeira preposição da Professora D é característica de um ensino que coloca o aluno no centro da aprendizagem, incentivando e provocando reflexões sobre o assunto proposto, sendo a reflexão ponto chave para a construção dessa metodologia.

[...] Mas, de início, eu iria analisar os conhecimentos prévios dos alunos e saber até onde eles conseguem entender sobre aquele assunto. Após isso, iria trabalhar os conceitos que eu acho muito interessantes, que pelo menos eles tenham noção dos conceitos. E, a partir dos conceitos, iria entrar no assunto. Iria trazer mapas para mostrar a localização, para tentar explicar e tentar fazer de uma forma com que eles consigam enxergar e entender como que aconteceu ou como que está acontecendo esse conflito? Também eu poderia trazer algumas notícias, algumas informações em papéis e distribuir a turma por grupos e, a partir desses grupos, a gente conseguisse ou começasse uma roda de conversa, uma roda de discussão, de debates a respeito do assunto, para que não fique apenas naquele conhecimento prévio do aluno, e sim a partir daquelas conversas, com base no que foi lido ou assistido [...] (Professora E, 2025).

É uma estratégia pedagógica bastante eficaz mostrar ao aluno através de mapas físicos ou aplicativos digitais, como: *Google Earth* e *Google Maps*, a localização da região trabalhada, pois torna real o local do qual os conceitos estão sendo associados, contribuindo na aproximação do conteúdo e na delimitação do assunto, evitando que as aprendizagens se agrupem na memória em um mesmo lugar.

[...] Eu acho que eu trabalharia com algumas metodologias ativas. Por exemplo, alguns debates ou simulações, que aí, nesse caso, eu ia propor que eles fizessem simulação de negociação de paz ou um debate

mesmo entre os alunos, porque aí eles iam ou defender Israel ou a Palestina. Enfim, eles iam ter essa divisão de grupos. Poderia também ser um estudo de caso, que aí eles iam analisar os eventos históricos que aconteceram e que estão até os dias de hoje. E uma outra metodologia também que eu usaria seria mapas e uma linha do tempo também, que aí no caso eu iria trabalhar com as apresentações visuais, que poderiam até ajudar a compreender a complexidade que é histórica e a territorial também, para não ficar só nessa questão da religião [...] (Professora C, 2025).

[...] Eu tentaria ainda, acrescentar um júri simulado, também cairia muito bem. Um júri simulado é muito bom porque dá para a gente levantar diversas questões. E a partir daí, eles pensarem, como é que eles poderiam ou defender ou contrapor essas ideias, entende? Então, bota o raciocínio deles em bastante exercício. Quando eu trabalhei conflitos no Oriente Médio, no nono ano, eu trabalhei com júri simulado também. Então, veio muitas ideias, me usaram muitos argumentos. Alguns argumentos que me surpreenderam. É uma metodologia também muito boa para fazer isso aí [...] (Professor A, 2025).

Essas últimas proposições usaram como estratégias de ensino, aprendizagem e avaliação, um simulado ou júri simulado, essa é uma estratégia pedagógica interessante, pois desperta no aluno um tipo diferente de pesquisa e estudo. Entender um assunto é diferente de estudá-lo sob o viés da advocacia, se colocando como advogado ou promotor, propondo uma análise do conteúdo que vai além dos dados, pois é necessário a formulação de argumentos. É uma forma de proporcionar aos alunos uma aprendizagem articulada que envolve outros saberes.

Em síntese, através do grupo de discussão as percepções e proposições dos/as professores/as participantes dessa pesquisa, envolveram a declaração que Jerusalém é um território complexo, tendo dificuldade na abordagem de assuntos que envolvem religião na sala de aula, evidenciado a importância da atenção na seleção das fontes que irão embasar o conteúdo das aulas, pois existe muita informação distorcida, ou que assume um lado da disputa. Por fim, nas proposições demonstraram estratégias didáticas de como abordar um assunto tão complexo contribuindo para a formação político-cidadã dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo como objetivo principal discutir as percepções e proposições para o ensino de Geografia sobre o conflito religioso-territorial de Jerusalém, buscou-se, através das narrativas docentes, identificar até que ponto esse assunto era compreendido e perpassado para os discentes. Identificou-se que sendo Jerusalém um território complexo, a maioria dos professores não optam por usar Jerusalém como exemplo de conflito religioso-territorial em sala de aula, mas através do grupo de discussão fizeram proposições de como trabalhar a temática.

Mediante essas proposições levanta-se um questionamento se de fato usar Jerusalém como exemplo nas aulas de Geografia não é condizente com a realidade da educação básica de ensino, ou se apenas faltava intencionalidade na espacialização dos fenômenos para a construção dos planos de aula.

Desse modo a participação nessa pesquisa pode servir como um incentivo para que Jerusalém passe a ser incluída como exemplo prático nas aulas de Geografia, pois é notória a vastidão de conceitos geográficos que envolvem a região. Sendo essa pesquisa, também, um meio para professores/as que buscam formas práticas de incluir Jerusalém em seus planejamentos didáticos, pois trata-se de uma cidade que está constantemente em evidência, sendo frequentemente noticiada nos jornais, gerando repercussões nas mídias sociais, pela característica marcante dos conflitos que ocorrem em seu e por seu território.

Para futuras pesquisas, recomenda-se ampliar o número de participantes, a fim de verificar se Jerusalém é, de fato, reconhecida pelos professores/as como exemplo de conflito religioso-territorial e de que forma determinados conceitos geográficos, como lugar, território, territorialidade, poder, territorialização, fronteiras, limites, paisagem, dentre outros, se inter-relacionam e se manifestam na região. Sugere-se, também, investigar a temática sob a perspectiva discente,

buscando observar como os alunos compreendem o assunto, qual a opinião deles mediante as aulas e as notícias adquiridas através dos meios de comunicação, e se desenvolvem o senso crítico e interpretativo diante de um tema tão complexo.

Por fim, compreender o conflito religioso-territorial em Jerusalém a partir do ensino da Geografia trata-se de oportunizar os alunos a reflexão sobre as relações de poder e território que moldam o mundo contemporâneo, promovendo uma formação crítica, profunda e consciente. Pois, discutir Jerusalém em sala de aula é também proporcionar noções sobre como os conflitos territoriais geram transformações no espaço geográfico podendo alterar a dinâmica da sociedade. Sendo, também, uma temática que permite reforçar o respeito a diversidade cultural, religiosa e territorial, criando ou aprofundando outras leituras do mundo.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. ***Jerusalém, Uma Cidade, Três Religiões***. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BBC News. **Israel e palestinos**: entenda a origem do conflito e por que já dura décadas, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckgn7w97l48o> Acesso em: 15 de outubro de 2025.

BBC News. **Oito perguntas para entender o conflito entre israelenses e palestinos**, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42268607> Acesso em: 16 de outubro de 2025.

Bíblia Sagrada. Traduzida de João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4. ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

LESME, Adriano. **Conflitos entre Israel e palestinos em 2021**. UOU, 2021. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/atualidades/conflitos-entreisraelepalestinosem2021.htm#:~:text=Como%20dissemos%2C%20o%20conflito%20entre,for%C3%A7a%20da%20pol%C3%ADcia%20de%20Israel.> Acesso em: 21 de out. de 2025.

MONTEFIORE, Simon. **Jerusalém: a biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática S.A., 1993.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.